

# RAZÃO E RACIONALIDADE: ENCONTROS E DESENCONTROS

Carlos Alberto Batista MACIEL<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto tem por objetivo refletir sobre a trajetória da razão no processo de humanização do ser humano, destacando seu desdobramento para a racionalidade instrumental e seus efeitos sobre o controle do próprio ser humano. Aborda como a razão, ao ser utilizada na trajetória do controle do ser humano sobre a natureza, causa um deslumbramento que oblitera a própria capacidade crítica deste ser e se dogmatiza enquanto verdade absoluta e universal.

**Palavras-chave:** Razão; esclarecimento; racionalidade instrumental; tecnologia; aparato tecnológico.

**Abstract:** This text has an objective, to reflect about the way of the reason in the process of humanization of the being human, detaching your display to the instrumental reasonable and your effects about the control of the being human. It approaches as the reason to be utilized in the control what of being human upon the nature that motive a dazzling what obliterate the own censure capacity of this creature and dogmatic itself while real true and universal.

**Keywords:** Reason; explanation; instrumental reasonable; technology; technology display.

## Introdução

A repetida constatação (Max Weber, György Lukács, C. Wright Mills) de que a racionalização da moderna sociedade capitalista se faz acompanhar da perda da razão, que da progressiva racionalização se origina o irracionalismo, capta exatamente um importante fenômeno do nosso tempo. (KOSIK, 1995, p.101)

A afirmação de Karel Kosik, na década de 60 ilustra, o (des)caminho que a razão tem seguido na atualidade. Ao lado de uma crescente expansão da ciência

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800901 - Araraquara - SP.

e da tecnologia no cotidiano da maior parte do planeta, somos obrigados a nos deparar com o surgimento de expressões e manifestações claras da presença tenaz da irracionalidade. Presença esta que, via de regra, é associada quase exclusivamente ao aumento de religiões de matriz fundamentalista. Todavia, a irracionalidade, ao que parece, não se detém no domínio da religiosidade, mas se espalha firme e silenciosamente para outras áreas do fazer humano, inundando uma gama cada vez maior de espaços até então considerados protegidos pela razão, como a própria ciência.

Apesar de existir um grande número de exemplos práticos que podem evidenciar essa reflexão inicial, queremos fazer um exercício reflexivo com o objetivo de mapearmos alguns fatores que podem ter contribuído para a consolidação da afirmativa de Kosik.

Assim sendo, procuraremos, para efeito didático, dividir este trabalho em quatro partes interligadas que, conjugadas, comporão nossas reflexões. Na primeira parte, abordaremos a relação entre o processo de humanização e a razão enquanto componente importante na instrumentalização do ser humano no domínio e no controle sobre a natureza. Na segunda parte, refletiremos mais detalhadamente sobre a dimensão do controle que a razão propicia ao ser humano, destacando a transposição dos instrumentos de dominação da natureza para a dominação do próprio ser humano. Na terceira parte, procuraremos indicar os efeitos melancólicos que a razão e o esclarecimento estão gerando nos tempos modernos. A quarta e última parte, destinamos para a apresentação das nossas ponderações e considerações finais acerca da vitória da racionalidade no mundo moderno e a conseqüente força de sujeição do ser humano à racionalidade tecnológica.

## 1

### **A Humanização e a Razão que Deslumbra o Homem**

O desenvolvimento do ser humano apresentou características particulares que o distinguem do processo evolutivo de outros seres vivos. O nascimento da cultura humana e as mudanças biológicas se combinaram na efetivação de um processo denominado por antropólogos de “humanização do homem”.

No movimento de humanização do homem, este assumiu uma posição bastante complexa, pois ao mesmo tempo em que procurava compreender o

ambiente que estava ao seu redor, atuava sobre este mesmo ambiente buscando mudá-lo.

A procura de compreensão do mundo que cerca o ser humano é bastante antiga e está associada primariamente à tentativa do ser humano de dar ordem explicativa aos fenômenos desconhecidos. Tal “exigência de ordem constitui a base do pensamento que denominamos primitivo” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.25), e está associada, em especial, ao aparecimento e à construção das ferramentas utilizadas pelo ser humano.

Através dessas ferramentas, o ser humano atuava sobre o ambiente que o cercava, mudando-o a fim de que este, modificado, atendesse as suas necessidades de sobrevivência e reprodução da espécie. Nos primórdios da evolução humana, o ser humano alterava gradativamente a natureza ao seu redor, humanizando-a, para que esta estivesse em consonância com as suas expectativas.

A humanização da natureza pelo ser humano foi, assim, a resultante da junção dos vetores de busca da tentativa de dar ordem ao mundo e da ação prática transformadora do indivíduo sobre a mesma. Nesta humanização, o ser primitivo paulatinamente desenvolve potencialidades que o permite romper com uma postura meramente adaptativa ao ambiente.

Esse rompimento só foi possível quando o indivíduo desenvolveu, tanto a capacidade de construir instrumentos e ferramentas quanto a aptidão de representar e assim elaborar conceitos que formavam sistemas explicativos dos fenômenos naturais e humanos. Na amálgama formada pela aliança desses fatores, a cultura humana emerge e se desenvolve, influenciando cada vez mais fortemente nas mudanças e alterações do ambiente em que o indivíduo vive e, conseqüentemente, também sobre o próprio ser humano.

No início da civilização humana, o ser humano se encontrava fortemente integrado à natureza. Isto tendeu para a constituição de uma gama de sistemas culturais que justificavam a integração entre ser humano e natureza através de explicações míticas. Nessa linha de pensamento, podemos encontrar a emersão de diferentes ritos (VAN GENNEP, 1977), como sistemas criados com vistas a exercerem um controle simbólico sobre as ameaças e os perigos presentes nas fases transitórias da evolução do indivíduo entre posições de status, papéis ou estados sociais integrantes da estrutura social em que o rito ocorre. Via de regra com a constituição dos ritos o indivíduo crê que tem o domínio sobre os processos (naturais ou sobrenaturais) que estavam a mercê de forças até então incontroladas.

O processo de constituição da história da humanidade apesar de antigo, nem sempre se deu sob a “forma histórica”. A temporalidade do homem, tal como se efetua pela mediação de uma sociedade, é igual a uma humanização do tempo” (DEBORD, 2000, p.87). Desta forma, a história humana está associada ao processo de humanização do ser humano em uma processualidade que vai distinguindo-o da natureza<sup>2</sup> propriamente dita.

Nessa processualidade, a humanização do tempo ocorre a marca do surgimento da história como fenômeno histórico, o qual registra a temporalização do desenvolvimento da civilização humana com a complexa teia de relações surgidas pela interatividade entre os diferentes grupamentos humanos.

O surgimento de grupamentos humanos mais complexos constrói o cadinho<sup>3</sup> que acelera a mistura de fatores e fenômenos cada vez mais humanizados (como a economia, a política e o social). Assim, a cultura humana se amplia ao mesmo tempo em que se diversifica, exigindo do ser humano maiores e melhores capacidades para a produção e a reprodução do e no ambiente humano.

Essa exigência está diretamente relacionada ao processo de domínio crescente do indivíduo sobre a natureza, tendo em vista que este domínio gera no ser humano um deslumbramento inebriante, como um reflexo do poder que passa a sentir em decorrência da ampliação de seu controle sobre a natureza. Tal controle se efetiva em relação direta com a capacidade de expansão da razão humana, ou seja, quanto mais esclarecimento (HORKHEIMER, 1985) o ser humano passa a ter sobre o mundo, maior é a extensão de seus braços sobre o mundo natural e o mundo humanizado.

Dessa forma, também maior é a sua capacidade de usar o pensamento, a reflexão, a razão com vistas a ampliar incomensuravelmente seu esclarecimento. Assim, “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (HORKHEIMER, 1985, p.19).

O esclarecimento exorciza o medo da sujeição do ser humano à condição de natura., a qual colocava o indivíduo a mercê da natureza, em uma mera posição adaptativa às condições ambientais. Como produto dessa exorcização, passa a existir a cisão ser humano e natureza, em que o primeiro se arroja na

<sup>2</sup> O vocábulo natureza, português, espanhol ou italiano, é do século XIII, adjetivando *natura*, do século XII, que significa fonte, tendo o sentido de “ser natural”, relativo à natureza, como derivação tardia do verbo nascer em latim (*nascor, nasceris, natus sum, nasci*). Tanto os vocábulos natureza como natural são próximos às idéias de fonte, nascimento e origem e, com estes sentidos, difundem-se pela Europa durante o Renascimento. (LUZ, 1988).

<sup>3</sup> Lugar onde as coisas se misturam, se fundem.

investidura do sujeito da relação, restando à natureza a pecha de objeto passivo à espera de ser descoberto, desvendado e esclarecido.

A transposição da condição de sujeição para a de sujeito cria asas à capacidade de pensar do ser humano, e ele se vê envolvido pelas teias de um encantamento que o torna capaz de quase tudo. Deslumbrado pelo esclarecimento, o ser humano coroa a si mesmo como o senhor que conhece, que controla e que tudo pode. “O homem, alçando-se ao titânico, conquista por si a sua cultura e obriga os deuses a se aliarem a ele, porque, em sua autônoma sabedoria, ele tem na mão a existência e os limites desta” (NIETZSCHE, 2000, p.66).

A cisão ser humano e natureza, e o conseqüente controle desta pelo primeiro, reitera a crença de que o esclarecimento mune o ser humano de uma razão capaz de desvendar tudo que o cerca. Quanto mais a razão se capacita a descobrir o que é racional mais o ser se vê embriagado pelo deslumbramento que o esclarecimento gera.

Assim sendo, a razão cria raízes profundas que permitem ao ser humano o crescimento vertiginoso de sua inteligência. E é através desta que ele reforça e depura a busca do sentido das coisas que o cerca,, como característica primária do início da formação dos grupos humanos, afinal, “no princípio tudo estava juntado: aí veio a inteligência e criou ordem” (ANAXÁGORAS apud NIETZSCHE, 2000, p. 92)

A vitória da razão nutre e alimenta a vitalidade do ser humano pensante, do ser que abstrai o mundo. Por isso, “o homem teórico se compraz e se satisfaz com o véu desprendido e tem o seu mais alto alvo de prazer no processo de um desvendamento cada vez mais feliz, conseguido por força própria” (NIETZSCHE, 2000, p.92).

Esse ser que teoriza crê inexoravelmente em suas potencialidades como sujeito capaz de controlar e dominar a natureza, em especial a sua própria natureza instintiva. Por isso, ele é tomado por um otimismo inesgotável que lhe dá sustentação à busca incessante do esclarecimento.

É Sócrates o protótipo do otimismo teórico que, na já assinalada fé na escrutabilidade da natureza das coisas, atribui ao saber e ao conhecimento a força de uma medicina universal e percebe no erro o mal em si mesmo. Penetrar nessas razões e separar da aparência e do erro o verdadeiro conhecimento, isso pareceu ser ao homem socrático a mais nobre e mesmo a única ocupação autenticamente humana. (NIETZSCHE, 2000, p. 94)

Esse otimismo teórico fortalece enormemente as “razões” para a permanência da razão como o caminho que o ser humano deve seguir para descobrir o mundo e assim escolher a verdade, o verdadeiro. Verdade esta ditada pela mesma razão, uma vez que, o que não se submete a ela não merece ser conhecido e, por conseguinte, não deve interessar ao indivíduo. A razão se torna, assim, não um dos caminhos, mas o caminho na busca da verdade, na busca do esclarecimento que deslumbra, que encanta, que inebria.

Herdeiro dessa forma de pensar, o ser humano moderno se encontra entorpecido por este deslumbramento e, paulatinamente, abre mão de sua posição de sujeito que pensa e passa a aceitar o que a razão já estabeleceu como verdadeiro, como certo. E assim, o esclarecimento transmuta-se ideologicamente em ofuscamento (HORKHEIMER, 1985) que turva a liberdade da razão individual e coletiva.

## 2

### A Razão que Controla

No processo de interação dos homens socializados com a natureza e com sua própria realidade histórica efetiva (cujo respectivo estado é dado pelas diversas condições de vida) a ‘natureza’ de há muito é historicizada, isto é, crescentemente despojada de sua caracterização natural e submetida a planejamento e técnica humana racionais. (MARCUSE, 1997, p.67)

A vitória da razão consolida o mapa da orientação a ser seguida pelo ser humano em sua relação com a natureza, o qual se fortalece na mesma medida em que os resultados dessa relação se constituem em fatos, objetos e produtos já expectados anteriormente pela própria razão.

*A razão se prova na própria experiência da prática humana. Esta experiência reforça e justifica que a orientação racional é aquela que deve ser seguida pelo ser humano. Orientação de um pensar e, conseqüentemente, de um modus operandi que se sustentam mutuamente através da resultabilidade da coerência da relação entre o pensar e o agir racional.*

O modelo racional constituído com a vitória da razão expande-se dentro da historicidade das civilizações humanas, contaminando a evolução histórica da própria ciência. Assim, “a ciência contemporânea com seus pressupostos baseia-se na revolução de Galileu. A natureza é um livro aberto e o homem pode lê-lo com a condição, no entanto, de que aprenda a linguagem em que está

escrito” (KOSIK, 1995, p.129).

Dessa forma, o ser humano, para ler o livro da natureza, precisa se capacitar para o descerramento da linguagem utilizada na composição deste livro. Esta capacitação é possibilitada pela razão que habilita o ser na apreensão das interações lógicas dos fenômenos utilizados na tipografia do poema natural.

Como conseqüência desta habilidade promovida pela razão, o controle e o domínio da natureza se fixam como um pilar sustentador da ação humana racional. Assim, controlar e dominar a natureza passa a ser parte integrante do modelo dominante da razão científica moderna. “Nesta razão não está ancorada apenas a ciência dos novos tempos, a ciência da razão racionalista; ela é imanente também à realidade dos novos tempos e impregna tanto a racionalização como o irracionalismo” (KOSIK, 1995, p. 101).

Dessa forma, a razão constituidora da ciência que controla e domina a natureza não se detém na fronteira da relação indivíduo e natureza, mas se espalha para o controle e domínio do mundo humanizado da relação indivíduo x indivíduo. Por isso que:

O conhecimento pela dominação da natureza tem lugar pela assimilação dos processos de conhecimento e controle aos processos naturais, e explica porque esse processo de dominação da natureza pode resultar paradoxalmente numa mais completa naturalização do homem civilizado. (HORKHEIMER, 1985, p. 8)

O mesmo processo de humanização do mundo pelo esclarecimento promovido pela razão que deslumbra o ser humano, propicia o surgimento do agulhão que fere e acorrenta o indivíduo no seu mundo humanizado. Embevecido pelo mundo criado pela sua ação racional, o ser humano vai sendo encoberto por sua criação e, paulatinamente, perde o controle racional de seu mundo.

A experiência do ser humano civilizado figura-se dentro das fronteiras do mundo humanizado. Mundo este distante da natureza, mas que se naturaliza como o mundo em que o ser humano vive, produz e se reproduz. Inundado pela carga de estímulos do mundo humanizado, o ser humano se vê impactado e obrigado a responder incessante e ininterruptamente a esses mesmos estímulos. Sua sobrevivência fica associada à criação de uma rede que amortece os choques produzidos por esta inundação cotidiana, ao mesmo tempo em que produz o mundo da vivência na superficialidade, vivência a qual prepara o ser humano para o agir

superficial da aparência, ao mesmo tempo em que conspira contra a introspecção e a reflexão, corroendo assim a experiência humana (BENJAMIM, 1989).

Por isso, o ser humano e o seu mundo se naturalizam na mesma velocidade em que a natureza é historicizada. Isto porque a razão utilizada na busca da ordenação do mundo passa a ser usada na ordenação do ser, e assim é mistificada pela mesma razão que se dogmatiza não como um, mas como o paradigma civilizatório.

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceptual que exprime a nova forma de vida, organizada pelos homens livres. O eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador. (HORKHEIMER, 1985, p. 28)

A ordenação e a dominação do mundo natural foi acompanhada pela identificação da ordenação e dominação do mundo humano. É a verdade que deve ser aceita, uma vez que é justificada pela mesma razão que permitiu ao ser humano o controle sobre a natureza. Ou seja, a mesma rede conceitual e racional utilizada no controle e domínio da natureza passa a ser o indutor do encantamento que produz uma miragem de liberdade e poder para o ser humano quando o efeito objetivo e subjetivo gerado é a de sujeição e aprisionamento deste a esta mesma rede.

O esclarecimento que libertou o ser humano da sujeição à natureza produz as mesmas ferramentas que são adotadas e utilizadas no aprisionamento do ser. Um aprisionamento justificado e legitimado racionalmente pelo esclarecimento que invadiu os vários espaços do mundo humanizado. Essa invasão teceu uma malha objetiva, dada pelas condições concretas do mundo humano, e subjetiva, dada pela valorização positiva e a aquiescência e equivalência moral a este mesmo mundo que, invisível e silenciosamente, obliteram o potencial de pensar a realidade própria da razão.

A razão que propiciou e fomentou o desenvolvimento humano ousou uma capacidade ilimitada de desvendar tudo, e se enfraqueceu corroída pelo reflexo dogmático dessa mesma ousadia. Vendo-se refletido no espelho do mundo criado pela razão, o ser humano, encantado, esqueceu que a imagem refletida, por mais límpida que seja não é igual ao real, mas apenas uma imagem deste real.

## Razão e Esclarecimento: a elegia dos tempos modernos

O método científico que levou a dominação cada vez mais eficaz da natureza forneceu, assim, tanto os conceitos puros como os instrumentos para a dominação cada vez maior do homem pelo homem por meio da dominação da natureza. A razão teórica, permanecendo pura e neutra, entrou para o serviço da razão prática. A fusão resultou benéfica para ambas. Hoje a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas como tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura. (MARCUSE, 1973, p.154)

O caminho traçado para o conhecimento e o domínio do mundo se legitimou como paradigma científico. Este paradigma se consolidou como aquele que ofereceu os meios mais adequados para a incursão do ser humano no mundo desconhecido da natureza selvagem, a qual precisava ser domada e submetida à sua vontade.

Munido dos meios científicos produzidos pela razão (metodologias, instrumentos, técnicas etc), o ser humano inicia uma jornada que mais se assemelha a uma odisséia sem fim na busca de um objetivo, de um fim que não se esgota, e que deve ser renovada indefinidamente, pois se deixar de dominar a natureza, o ser humano corre o risco de ser dominado por ela.

Nessa jornada aventureira, os resultados dos avanços e conquistas na perseguição do fim da dominação e controle dos fenômenos naturais fortalecem o paradigma científico como o certo, como aquele que municia e também orienta o ser humano na consecução de seus objetivos.

As conquistas e avanços práticos produzidos pelo paradigma científico ratificam a razão e, por correspondência, os meios científicos construídos por ela. E cada vez que se repetem essas conquistas, elas se objetivam como realidades factuais que demonstram na prática a verdade do caminho racionalmente traçado.

Em cada repetição factual é reiterada a subjetividade valorativa e moral correspondente ao poder que o esclarecimento propicia ao ser humano. Tal reforço acentua o torpor que confunde e desgasta a percepção da relação e da diferença entre a realidade propriamente dita e a realidade pensada e projetada.

A cada acerto factual, torna-se ainda mais certo e verdadeiro o método científico que racionaliza o real e projeta teleologicamente o resultado da ação humana. A projeção ideacional gradativamente ultrapassa as barreiras da abstratividade a ser verificada e aporta na esfera da razão teórica inquestionável em sua essência de verdade pretendida.

A ação orientada pela razão se iguala à reação objetada, e o resultado idealizado é identificado no resultado prático. O círculo criado entre a ação pensada, a ação realizada e o produto gerado, cria a ilusão de uma igualização que dá ênfase às similitudes e desconsidera as diferenças de cada uma dessas esferas, por isso:

A doutrina da igualdade entre a ação e a reação afirmava o poder da repetição sobre o que existe muito tempo após os homens terem renunciado a ilusão de que pela repetição poderiam se identificar com a realidade repetida e, assim, escapar a seu poder. Mas quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objetulizado sob a forma da lei natural, parecia garanti-lo como sujeito livre. (HORKHEIMER, 1985, p.26)

Esse círculo vicioso produz uma malha indelével que obscurece a razão e esta, paulatinamente, vai se ideologizando no mito do esclarecimento que, por ser mito, põe-se como algo dado, inescapável ao ser humano. E assim, a mesma razão criada para libertar é usada para submeter e dominar o seu senhor, pois cria uma sabedoria já marcada pela relação atemporal e mágica (porque é dogmática) entre o passado, o presente e o futuro do ser humano que conhece, age e produz.

A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem – sentido já teriam sido jogadas, porque todos grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão-somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era. (HORKHEIMER, 1985, p.26)

O mundo misterioso a ser desvendado e conhecido que um dia ousou ser uma barreira ao desenvolvimento humano, “definitivamente”, curva-se ao

esclarecimento, que por sua vez ousa não mais oferecer os meios para o conhecimento, mas ser “o conhecimento” que domina e controla, pois a tudo já desvendou e esclareceu. Essa ousadia cobrou do ser humano a perda da autonomia tão buscada em seu processo de humanização.

Retirada a sua autonomia e independência, o ser humano se apega à dependência ao esclarecimento que se mitificou e deixou de encontrar obstáculos na realidade, e assim também a razão do homem, enfraquecida e submissa se arrefece ao domínio devastador que o progresso do esclarecimento ocasionou.

O progresso do esclarecimento, em escala mundial, está intimamente relacionado aos tempos modernos em que o desenvolvimento econômico propiciou uma dada objetividade em que “a vitória da burguesia é a vitória do tempo profundamente histórico, porque é o tempo da produção econômica que transforma a sociedade de modo permanente e absoluto” (DEBORD, 1997, p. 98).

A transformação gerada pela produção econômica dos tempos modernos se espalha numa universalidade que envolve e recobre a tudo e a todos que são tocados pelo feitiço da mercadoria reificada, sedimentando a elegia do tempo inexorável do mundo da mercadoria. Por isso, “o triunfo do tempo irreversível é também sua metamorfose em tempo das coisas, porque a arma de sua vitória foi precisamente a produção em série de objetos, segundo as leis da mercadoria” (DEBORD, 1997, p.99).

É nessa sociedade transformada que o esclarecimento se fertiliza e contamina tudo. O mundo da mercadoria é também o mundo da legitimidade da razão objetivada nos instrumentos e técnicas necessárias à produção do mar de mercadorias que alimenta a reprodução deste mesmo mundo.

Paradoxalmente, é no desenvolvimento do mundo marcado pelo tempo das coisas que “no decorrer do processo tecnológico, uma nova racionalidade e novos padrões de individualidade se disseminaram na sociedade, diferente e até mesmo opostos àqueles que iniciaram a marcha da tecnologia” (MARCUSE, 1999, p.74).

Na sociedade fundada nos ditames da revolução burguesa, o indivíduo humano era brindado como uma unidade fulcral na consolidação dos tempos modernos. O indivíduo autônomo, como ser racional, conquistaria a liberdade necessária na busca de sua realização. Desta forma, “o princípio do individualismo, a busca do interesse próprio era condicionado pela afirmação de que o interesse próprio era racional, quer dizer, que resultava de e era constantemente guiado e controlado pelo pensamento autônomo” (1999, p. 75).

A individualidade moldada através desta “razão” induziu uma força importante na imputação das contradições e conflitos que eram produzidos pela rejeição a tudo “que não fosse verdadeiro, nem justificado pela razão” (p. 75). Essa individualidade autônoma fermentou o crescimento da racionalidade individualista que atomizou o ser humano de forma a se constituir em uma importante peça para a concretização da existência e manutenção da sociedade liberal.

Essa mesma individualidade defensora da realização racional de objetivos verdadeiros fagocitou a realidade econômica objetivada pela mercadoria, e diluiu sua capacidade racional enquanto absorvia a moral e a ideologia da lógica da mercadoria.

A elegia composta pelo movimento corroeu a individualidade, enalteceu o caminho racional, o qual se propôs libertário, mas traduziu-se na racionalidade que justificou a absorção e a introjeção dos padrões disseminantes da submissão e da aceitação passiva das forças vaporizadas na individualidade real e corporificadas na individualidade formal.

4

## **A Vitória da Racionalidade**

A sociedade se reproduz num crescente conjunto técnico de coisas e relações que incluiu a utilização técnica do homem – em outras palavras, a luta pela existência e a exploração do homem e da natureza se tornaram cada vez mais científicas e racionais. (MARCUSE, 1973, p.143)

O desenvolvimento e o crescimento da sociedade moderna estão associados à larga utilização da tecnologia produzida pelo conhecimento científico. Quanto mais se expande a sociedade burguesa, maior é a extensão dos tentáculos da ciência e da tecnologia na cotidianidade do mundo moderno.

A presença cotidiana da ciência e da tecnologia no viver das pessoas se traduz em uma gama de variedade de situações, na mesma velocidade em que o ser humano se habitua com as “facilidades” proporcionadas pelo aparato tecnológico.

O processo de expansão da tecnologia na vida diária e a conseqüente

institucionalização de comportamentos habituais que incorporam a tecnologia como presença comum na vida diária tem suas conseqüências originadas na evolução e transformação da razão em racionalidade utilitária e pragmática. Racionalidade tecnológica fixada no esteio do paradigma científico que se pretende livre de valores que desvirtuariam a busca da objetividade científica, esperada pela construção metodológica produzida pela razão positiva.

Sem dúvida, a racionalidade da ciência pura é livre de valores e não estipula quaisquer fins práticos, é ‘neutra’ a quaisquer valores estranhos que lhe possam ser impostos. Mas essa neutralidade é um caráter positivo. A racionalidade científica favorece uma organização social específica precisamente porque projeta mera forma (ou mera matéria – aqui, os termos de outro modo convergem) que pode atender praticamente a todos os fins. (MARCUSE, 1973, p.152)

A pretendida pureza da ciência, maturada pelo princípio da objetividade, criava as condições para que, sob o espelho límpido e cristalino da ciência pura, se depositasse o material viscoso da vinculação e subordinação dos vetores impulsionados pelos interesses daqueles que dão a finalidade prática para a racionalização neutra.

A ciência prática engolfa a ciência pura que, por ser pura e pretensamente neutra, não pode e não deve questionar a utilização objetiva de suas descobertas e conquistas. Essa perspectiva somente se materializa e se irradia pelo fato da racionalidade tecnológica ter assumido a feição da racionalidade formal que sustenta a ênfase da abstratividade da neutralidade e objetividade pretendida.

O modelo racional mais aproximado que oferece a guarida para o crescimento da racionalidade formal é o paradigma positivo em que o “homem e seus objetivos entram somente como grandezas variáveis no cálculo de chances de ganho e de lucro” (MARCUSE, 1998, p.122).

Essa mesma racionalidade formal decanta as razões que suportam a adoção de interesses e obrigações nascidas fora dela, ou seja, a neutralidade da objetividade da racionalidade formal não consegue ficar, a despeito da soberba, incauta. Por isso, a racionalidade formal:

Na medida em que se converte em questão de dominação, ela se subordina por força de sua própria racionalidade interna a uma outra, a saber, a razão da dominação. Justamente na medida em que essa racionalidade formal não

ultrapassa seu próprio nexos, tendo apenas seu próprio sistema como norma do cálculo e do agir calculadamente, ela é determinada 'a partir do exterior', por algo outro que não ela mesma. (MARCUSE, 1998, p.124)

A racionalidade formal dá o suporte necessário à construção e consolidação da técnica que lhe corresponda. Essa técnica incorporada na tecnologia presente na máquina (e na mercadoria) impõe-se como a legítima pelo mercado, pela sociedade e pela racionalidade. E assim, “a subordinação à técnica converte-se em subordinação à dominação em geral, a racionalidade técnica formal se torna racionalidade política material” (1998, p.131).

Essa racionalidade corporifica-se na tecnologia presente e é traduzida pelo aparato tecnológico construído para dar concretude ao mundo de coisas idealizadas. Esse aparato incorpora a técnica assim como a intenção da objetividade e da neutralidade da racionalidade tecnológica. Intenção que se reveste de pretensão, dado seu caráter universalista e totalizante.

A resultante dessa pretensão intencionada em um mundo em que a racionalidade tecnológica é degustada no amargor da subordinação do ser humano à mesma, “a técnica se torna a forma universal de produção material, circunscreve toda uma cultura; projeta uma totalidade histórica – um mundo” (MARCUSE, 1973, p.150).

A projeção dessa totalidade histórica só é possível graças a dois fatores intimamente ligados. Um diz respeito à ampliação incomensurável do modelo de desenvolvimento econômico, e o outro à conformação do ser humano produtor e reproduzidor dessa mesma totalidade histórica.

O desenvolvimento da indústria moderna e da racionalidade tecnológica, no entanto, minou a base da racionalidade crítica e submeteu o indivíduo à dominação crescente do aparato técnico – social. A medida que o capitalismo e a tecnologia foram se desenvolvendo, a sociedade industrial avançada foi exigindo um ajuste cada vez maior ao aparato econômico e social, além da submissão à crescente dominação e administração totais. Desta forma, uma ‘mecânica do conformismo’ se espalhou pela sociedade. (MARCUSE, 1999, p.26)

O ser humano imerso em um mundo produzido e marcado pela racionalidade tecnológica, não consegue se desprender das garras do aparato tecnológico, o qual dita a regularidade controlada no movimento da produção econômica da mercadoria. E assim regula, técnica e mecanicamente, as condutas e atitudes adequadas e necessárias à reprodução da sociedade da mercadoria.

Ao ser humano que vive e se reproduz no mundo produzido pela racionalidade tecnológica é esperado uma conformação que o subordina, mas também uma preparação que o qualifica para se constituir em uma unidade atomizada na produção da mercadoria em escala universal. Daí porque as cidades se constituem em verdadeiros campos de treinamento (JAMESON, 2001) que educam e adequam os homens para as exigências da produção econômica.

Esse treinamento promove a domesticação do ser humano à racionalidade tecnológica da sociedade da mercadoria e assim institui a naturalização e a inculcação do lucro, do cálculo sistemático, da competição compulsiva e da dominação.

A racionalidade tecnológica inculcada naqueles que mantém este aparato transformou vários métodos de compulsão externa e autoridade em métodos de autodisciplina e autocontrole. A segurança e a ordem são, em grande parte, garantidas pelo fato de que o ser humano aprendeu a ajustar seu comportamento ao de seu semelhante até os mínimos detalhes. Todos os homens agem de forma igualmente racional, isto é, de acordo com os padrões que asseguram o funcionamento do aparato e, portanto, a manutenção de sua própria vida. (MARCUSE, 1999, p.86)

Submetido incessantemente a esse treinamento domesticador, o ser humano vai ajustando seu comportamento às exigências da racionalidade tecnológica contida no aparato. É um treinamento possível, principalmente devido ao fato de que “as inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais” (HORKHEIMER, 1985, p. 40).

Dessa forma, a racionalidade tecnológica monta o tabuleiro e as regras do jogo em que o ser humano, gradativamente, deve estar preparado adequadamente para jogar. Nesse jogo espera-se as atitudes e condutas consoantes com as exigências do aparato tecnológico por parte do ser humano que joga.

Dentro do jogo, a única resposta plausível esperada do ser humano é que ele se submeta à lógica da mecânica deste, obedecendo assim, às suas regras e aos seus ditames. Somente coadunado e afinado com a racionalidade tecnológica do jogo é que o ser humano se encontra habilitado a jogar e, desta forma, a apostar no perder ou ganhar o prêmio prometido por uma felicidade ilusória.

Esta felicidade que encobre uma submissão racionalmente consentida e a conseqüente perda da autonomia do indivíduo que, diluída, se esvai por entre os dedos, mas que mantém a aparência da abundância da água da liberdade pela umidade retida na epiderme da mão do ser humano. E assim, “os homens podem

se sentir felizes, inclusive quando efetivamente não o são. O efeito da aparência (*Schein*) torna incorreta até mesmo a afirmação da felicidade própria” (MARCUSE, 1997, p.120).

Nesse jogo não há lugar para a recusa do jogador em jogar, uma vez que o tabuleiro se institui com toda a pujança de sua lógica como a única realidade possível e verdadeira. Um tabuleiro que mais se assemelha a uma cela de segurança máxima que encarcera o indivíduo nas paredes invisíveis da ordem dominante. A recusa em jogar é acompanhada por infundáveis punições objetivas e subjetivas que culminam na exclusão e banimento do jogo, traduzido pela marginalização do indivíduo, ou pior, na desconsideração de sua existência. Por isso, milhões de indivíduos que não “servem” ao mercado vicejam à sua margem, sobrevivendo na “obscuridade” do mundo da não mercadoria, ou sobrevivem genuflexos à espera das migalhas das sobras doadas pelo mercado.

Assim, “todo protesto é insensato e o indivíduo que persistisse em sua liberdade de ação seria considerado excêntrico. Não há saída pessoal do aparato que mecanizou e padronizou o mundo” (MARCUSE, 1997, p.80). Ao indivíduo padronizado só é permitido sonhar com uma liberdade fetichizada e incorporada em um ideal mediatizado pela mercadoria, afinal “Hollywood é o sucesso” e “coca-cola é isso aí”.

O feitiço promovido pelo ideal de liberdade mediatizado pela mercadoria convida, veladamente, o indivíduo a abrir mão de sua liberdade real e a assumir uma conduta adequada à racionalidade tecnológica. Esse convite induz o ser humano a pensar sobre a liberdade com as mesmas ferramentas conceituais e técnicas presentes no aparato tecnológico. Pensar a liberdade fetichizada a partir do sistema racional que fundamentalmente cria o aparato e, por sua vez, a mercadoria encarnadora dessa felicidade, cria uma armadilha racional e racionalizada que tende, indubitavelmente, a fazer com que o indivíduo aceite ceder, livremente, a sua autonomia, usando a própria racionalidade para justificar essa cessão.

Mas o homem não sente esta perda de liberdade como o trabalho de alguma força hostil e externa; ele renuncia à sua liberdade sob os ditames da própria razão. A questão é que, atualmente, o aparato ao qual o indivíduo deve ajustar-se e adaptar-se é tão racional que o protesto e a libertação individual parecem, além de inúteis, absolutamente irracionais. (MARCUSE, 1997, p.82)

Assim, todo o protesto contra o aparato e a favor da liberdade real feito no tabuleiro criado pela racionalidade tecnológica é desqualificado a priori, seja

porque coloca em cheque a regra deste jogo, seja porque, não usando as ferramentas racionais do aparato, todo protesto é reduzido ao estigma de manifestação irracional.

O caldo denso da racionalidade tecnológica envolve o ser humano e limita seus movimentos. Essa limitação impede que a racionalidade retorne ao seu nascedouro: o pensamento filosófico, uma vez que “pensar filosoficamente é, assim, como que pensar intermitências, ser perturbado por aquilo que o pensamento não é” (ADORNO, 1995, p.21).

Dessa maneira, o ser humano que perde a capacidade de ser perturbado pela realidade objetiva, não é mais capaz de distinguir as diferenças entre o real e a realidade falseada pelo aparato. Esse ser humano renuncia à razão crítica ao mesmo tempo em que caminha para consolidar a vitória da racionalidade que o acorrenta à ilusão criada pela miragem do tabuleiro do jogo da moderna economia.

## Referências

- ADORNO, T.W. **Palavras e sinais: modelos críticos** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BENJAMIM, W. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1989. v.3.
- DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- JAMESON, F. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- LÉVI - STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.
- LUZ, M. T. **Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. v.2.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia ou o helenismo e pessimismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.